



Perceção de Violência no Trabalho – Um Estudo com professores em Portugal em regime de ensino presencial e online

Sara Castro

UMinho | 2021

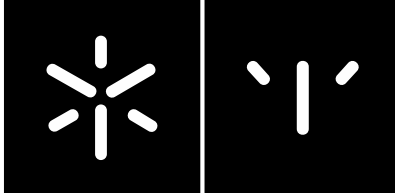


Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Sara Filipa Gonçalves Castro

**Perceção de Violência no Trabalho –
Um Estudo com professores em
Portugal em regime de ensino
presencial e *online***

junho de 2021



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Sara Filipa Gonçalves Castro

**Perceção de Violência no Trabalho –
Um Estudo com professores em
Portugal em regime de ensino
presencial e *online***

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado
em Psicologia

Trabalho efetuado sob a orientação da
**Professora Doutora Isabel Maria Soares da
Silva**

junho de 2021

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

À professora Doutora Isabel Silva, orientadora deste trabalho, pela disponibilidade constante que demonstrou em me guiar durante este exigente percurso. Pelas observações, sugestões e críticas construtivas que contribuíram para estimular o meu pensamento crítico face às questões que se iam levantando à medida que progredia na execução desta dissertação de mestrado.

A todas as minhas colegas da Unidade de Investigação de Psicologia do Trabalho e das Organizações pela partilha de conhecimentos e entreajuda.

Ao meu grupo de colegas de curso por todos os momentos partilhados durante os últimos cinco anos, especialmente à Ana, Santos, Majó, Ângela, Paula e Diana.

À minha família, em especial aos meus pais, por me terem proporcionado uma vida académica até aqui e por todos os esforços e sacrifícios feitos, à minha prima, Cláudia, por ter sido um exemplo direto de motivação para o envolvimento escolar desde o meu quinto ano até à universidade, aos meus avós pelo carinho e preocupação desde sempre demonstrados. Sem todos eles não seria possível ter concluído esta etapa académica e pessoal da minha vida.

À Lau e à Tina por toda a amizade e apoio que me derem, especialmente durante este último ano, e por todos os momentos divertidos que me permitiram relativizar os problemas nos momentos de maior angústia.

Aos amigos de quatro patas, Índia, Dehli, Óscar e Nero, pela alegria constante.

Dedico este trabalho a todos os professores com quem me fui cruzando durante o meu percurso académico e que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o meu enriquecimento académico, intelectual, e, principalmente, pessoal.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Sara Filipa Gonçalves Castro

.....

(Sara Filipa Gonçalves Castro)

VIOLÊNCIA NO TRABALHO CONTRA PROFESSORES

Resumo

A violência no trabalho tem-se assumido como uma problemática frequente em diferentes grupos ocupacionais. Este estudo aborda o tema num grupo ocupacional pouco estudado em Portugal, os professores, e tem como principal objetivo caracterizar a perceção de violência no trabalho contra os(as) professores(as) considerando os regimes de ensino presencial e *online*, do ano letivo 2019/2020. Responderam a um questionário *online* 804 professores, maioritariamente, dos ensinos básico, secundário e profissional. Os resultados indicam que o tipo de violência mais frequentemente reportado nos dois regimes de ensino é a violência vicariante sendo a fonte mais comum destes comportamentos os(as) estudantes. A interferência dos pais foi apontada como a forma de violência mais associada ao ensino *online*. Verificou-se que a perceção de violência física e vicariante é mais comum nas escolas públicas, que as regiões Centro e Alentejo exibem níveis de violência psicológica superiores à região Norte e que a frequência de violência percecionada está negativamente associada à perceção de suporte dos colegas e das chefias.

Palavras-chave: violência contra professores, ensino *Online*, suporte social

WORKPLACE VIOLENCE AGAINST TEACHERS

Abstract

Violence at work has become a frequent problem among different occupational groups. The present study addresses this theme in an occupational group that has been little studied in Portugal, teachers, and aimed to characterize the perception of violence against teachers in Portugal, considering presential and online education systems, for the past academic year 2019/2020. 804 teachers, most of them teaching in Middle, High, and Vocational School, answered an online questionnaire. The results indicate that the type of violence most frequently perceived by teachers, in both teaching systems, is vicarious violence, with students being the most common source of these behaviors. The parent's interference was identified by the participants as the most frequently form of violence associated to online teaching. It was also found that physical and vicarious violence against teachers is more common in public schools, the Center and Alentejo regions show higher levels of psychological violence than North, and the frequency of violent events is negatively associated with organizational and colleague's support.

Keywords: violence against teachers, online teaching, social support

Índice

Violência no trabalho em contexto de ensino	10
Fatores de risco individuais e contextuais	11
Consequências a nível individual e organizacional	12
Impacto do suporte organizacional	12
Ensino <i>Online</i>	13
Objetivos do estudo	13
Método	14
Participantes.....	14
Instrumentos	16
<i>Questionário de Caracterização da Amostra</i>	16
<i>Escala de Agressão e Violência no Trabalho</i>	16
<i>Perceção do suporte social da chefia e dos colegas</i>	17
<i>Questionário de perceção de violência em regime de ensino online</i>	18
Procedimento	19
Análise de dados	20
Resultados	20
Análise Fatorial Confirmatória	20
Frequência de exposição a acontecimentos violentos – Período de ensino presencial	23
Relação entre a perceção de violência e variáveis individuais e do contexto laboral	25
Frequência de exposição a acontecimentos violentos – Período de ensino <i>online</i>	28
Discussão.....	31
Limitações do estudo e direções futuras.....	34
Referências	36

Índice de Tabelas

Tabela 1 <i>Nível(eis) de ensino(s) lecionado(s)</i>	14
Tabela 2 <i>Distrito ou Região Autónoma onde estava inserida a escola em que o/a profissional lecionou</i>	15
Tabela 3 <i>Estatuto da escola em que o/a profissional lecionou</i>	16
Tabela 4 <i>Índices de ajustamentos dos modelos analisados</i>	21
Tabela 5 <i>Análise da componente de medida</i>	22

Tabela 6 <i>Frequência de acontecimentos agressivos e violentos percebidos pelos profissionais por ordem decrescente de percepção e exposição</i>	24
Tabela 7 <i>Médias e desvios padrão das variáveis individuais e do contexto laboral em função dos diferentes tipos de violência</i>	26
Tabela 8 <i>Matriz de correlação de Pearson entre as diferentes dimensões de violência e a idade, tempo de experiência, suporte das chefias e suporte dos colegas</i>	28
Tabela 9 <i>Frequência de acontecimentos agressivos e violentos percebidos durante o período de ensino online por ordem decrescente de frequência</i>	29
Tabela 10 <i>Percepção de comportamentos violentos associados ao ensino online</i>	31

Índice de Figuras

Figura 1 <i>Modelo (M3) proposto da Escala de Agressão e Violência no Trabalho para os dados da amostra</i>	22
---	----

Perceção de Violência no Trabalho: Um estudo com professores em Portugal em regime de ensino presencial e *online*

A violência no trabalho é um fenómeno global, transcendente a diferentes países, indústrias e setores ocupacionais (*International Labour Organization* [ILO], 2020). Vários estudos têm sido desenvolvidos para tentar determinar a prevalência e as taxas de incidência do fenómeno (ILO, 2020). Os dados disponíveis na literatura indicam que a prevalência da violência no trabalho está a aumentar em todo o mundo (Pheko et al., 2017).

Não existe uma definição consensual do conceito de “violência no trabalho”. A ILO (2019, secção I, artigo 1) entende-a como um “leque de comportamentos inaceitáveis, práticas ou ameaças, quer repetidas ou não, que tomem lugar no local de trabalho e cujo objetivo é causar prejuízos físicos, psicológicos, sexuais ou económicos à vítima”, já o Eurofound (2015) adota o termo “comportamentos sociais adversos” que inclui o abuso verbal, importunação sexual, ameaças e comportamentos humilhantes. O uso de diferentes definições dificulta a comparação de dados, o que, aliado às escassas estatísticas e às elevadas taxas de não denúncia, contribui para a dificuldade em determinar a extensão do fenómeno e a sua compreensão (ILO, 2020).

A violência no trabalho manifesta-se de diferentes formas: física, psicológica, sexual (Eurofound, 2013) ou vicariante, através do testemunho ou escuta de um comportamento violento (Rogers & Kelloway, 1997). Pode ser perpetrada por um ou mais sujeitos, tomar lugar entre colegas, superiores, subordinados ou uma terceira parte (e.g., alunos, clientes), ser um incidente isolado ou repetido, e ir desde casos de desrespeito até ofensas criminais (Eurofound, 2013).

Na Europa, a violência no trabalho tem vindo a aumentar (Eurofound, 2015). Segundo o Eurofound (2017), 24% dos trabalhadores da União Europeia relataram terem sido vítimas de comportamentos sociais adversos no mês anterior ao inquérito, destes 24%, 12% sofreram abusos verbais, 6% humilhações, 4% ameaças e 2% atenção sexual indesejada, tendo os setores da administração pública, saúde, educação e transportes apresentado taxas de incidência superiores à média. Ainda assim, parece existir uma tendência para que as queixas representem apenas uma pequena fração das ocorrências reais (Eurofound, 2013), pois, as não denúncias parecem ser a norma em vez da exceção (Chappell & Di Martino, 2006) e em alguns países (e.g., Portugal) as vítimas podem não denunciar os casos por medo das consequências (e.g., perder o emprego) (Eurofound, 2015).

Nas profissões onde existe maior contacto com clientes ou pessoas externas à organização as taxas de vitimização tendem a ser superiores (Eurofound, 2013). Ocupações como as que implicam o trabalho solitário e contacto com: o público, valores, pessoas em *stress* e em ambientes cada vez mais expostos à violência, representam maior risco. (Chappell & Di Martino, 2006).

Qualquer pessoa pode ser vítima de violência no trabalho, contudo, algumas características individuais como o género (homens), idade (jovens) e tempo de experiência (pouco) parecem estar associadas a um maior risco (Milczarek, 2010), embora, no primeiro caso, tal dependa do tipo de violência. Nos homens, o risco de violência física é o mais elevado, enquanto que nas mulheres há maior risco de incidentes de natureza sexual (e.g., assédio) (Milczarek, 2010; Eurofound, 2013). Por outro lado, as mulheres mostram mais predisposição para denunciar as ocorrências (Eurofound, 2013), e tendem a exercer profissões de maior risco (e.g., professoras, enfermeiras e assistentes sociais) (Chappell & Di Martino, 2006). Os trabalhadores mais jovens e menos experientes também são mais vulneráveis (Chappell & Di Martino, 2006; Milczarek, 2010).

Como consequências da exposição à violência, as vítimas podem desenvolver fortes respostas de *stress*, longos períodos de estados de medo, confusão cognitiva, depressão e ansiedade (Einarsen & Nielsen, 2015), problemas de sono e fadiga (Eurofound, 2012). A nível organizacional, Courcy et al. (2019) demonstram que trabalhadores expostos a violência, nomeadamente psicológica, tendem a reportar baixos índices de comprometimento com o trabalho e elevados níveis de intenção de *turnover*.

Violência no trabalho em contexto de ensino

A violência contra os professores refere-se a uma gama de comportamentos (e.g., intimidação, *bullying*, ameaças verbais, ataques físicos e roubos) que violam as regras da escola e afetam negativamente o clima escolar ameaçando o bem-estar das pessoas envolvidas (Espelage et al., 2013). Os autores deste tipo de violência são os alunos, pais, colegas ou administradores escolares (McMahon et al., 2014).

O tipo de violência mais frequentemente reportado pelos professores é a agressão verbal (Alonso et al., 2009; Berg & Cornell, 2016; Mooij, 2011) como insultos, comentários intimidatórios ou ameaças, sendo os alunos os perpetradores mais comuns destes atos (McMahon et al., 2014). A violência física é a menos comum neste grupo ocupacional (Gregory et al., 2012).

No cômputo geral, a violência contra professores é um problema sério e frequente (Wilson et al., 2011) à escala mundial (McMahon et al., 2017; Nielsen & Einarsen, 2018), contudo, em comparação com outras formas de violência escolar (e.g., *bullying* entre alunos), ainda continua a ser pouco estudada (Espelage et al., 2013; Huang et al., 2020; McMahon et al., 2017; Reddy et al., 2018).

No estudo de McMahon et al. (2014), nos Estados Unidos, 80% dos professores relataram terem sido alvo de pelo menos uma forma de vitimização no trabalho durante o ano anterior e corrente ao estudo. Quase $\frac{3}{4}$ dos participantes reportaram terem sido vítimas de pelo menos uma forma de assédio (e.g., ameaças verbais, intimidação, gestos obscenos e vitimização na *internet*).

Na Europa, segundo Dzuka & Dalbert (2007), 49% dos professores eslovacos relataram terem sido vítimas de pelo menos uma experiência de violência nos 30 dias anteriores ao questionário. Na Ásia, 27% dos professores sul coreanos que participaram no estudo de Moon & McCluskey (2016) sofreram ameaças e abusos verbais e 19% indicou ter testemunhado comportamentos agressivos dos alunos (e.g., pontapés, atirar objetos e/ou destruir coisas em frente ao professor) nos dois anos prévios ao estudo.

Fatores de risco individuais e contextuais

Fatores individuais (e.g., idade, género, experiência) e contextuais (e.g., tipo de escola e meio onde está inserida) fazem variar de forma significativa as taxas de violência (McMahon et al., 2014).

Em relação às características individuais, em comparações por género, McMahon et al. (2014) descobriram que os homens reportam mais violência física e psicológica do que as mulheres porque, possivelmente, ocupam posições de maior risco dentro do cenário educativo (Martinez et al., 2016). Outros estudos constataam que as mulheres têm maior risco de vitimização (Gerberich et al., 2011; Robers et al., 2015), são mais vítimas de comportamentos agressivos (De Cordova et al., 2019), tendem a perceberem-se como mais vulneráveis (Berg & Cornell, 2016) e a experienciar mais sintomas físicos, consequentes da violência de que são alvo (Wilson et al., 2011). Quanto ao tempo de experiência, professores mais experientes apresentam uma menor probabilidade de vitimização (Gerberich et al., 2011; Robers et al., 2013) e sentem-se menos vulneráveis quando ameaçados com comportamentos agressivos (Reddy et al., 2018). A percepção

de menor frequência de comportamentos violentos pelos professores mais experientes pode ser explicada pela possível maior habilidade em resolver conflitos com os alunos (Reddy et al., 2018).

Quanto às características contextuais, professores de escolas públicas ou situadas em meio urbano são mais vitimizados do que os colegas que trabalham em escolas situadas em meio rural (Berg & Cornell, 2016; Gregory et al., 2012; Robers et al., 2013).

O nível de ensino também é um preditor de vitimização. Comportamentos violentos e agressões verbais contra os professores são mais comuns no ensino secundário (Alonso et al., 2009) e profissional (Chen & Astor, 2009).

Consequências a nível individual e organizacional

A violência no trabalho pode ter efeitos sérios nos professores, *staff* educacional e no cenário escolar (Wilson et al., 2011). De um modo geral, quantos mais tipos de violência um professor experienciar, mais sintomas adversos sofrerá (Wilson et al., 2011).

A exposição direta e indireta à violência resulta em maior exaustão emocional, despersonalização (Buck, 2006), *stress* (Galand et al., 2007; Gary et al., 1998; Moon et al., 2015), frustração, angústia, medo, raiva, ansiedade, tristeza, fadiga, problemas de sono e irritabilidade entre os professores (Gerberich et al., 2011; Wilson et al., 2011). No seu estudo com docentes belgas, Galand et al. (2007) verificaram que os professores vitimizados podem experienciar sintomas de *stress* pós-traumático, depressão e ansiedade, já Dzuka & Dalbet (2007), indicam como consequência, uma menor satisfação com a vida, maior percepção de afeto negativo e menor de afeto positivo.

A nível organizacional, os professores vitimizados tendem a estar menos motivados e comprometidos com a sua tarefa de ensinar, apresentar maiores taxas de absentismo (Wilson et al., 2011) e de abandono da profissão (McMahon et al., 2017). Os impactos ao nível do ensino são os mais reportados, seguidos dos emocionais, psicológicos e físicos (Wilson et al., 2011).

Impacto do suporte organizacional

O apoio prestado pela escola, incluindo o suporte administrativo, e pelos colegas, foi associado a menores taxas de vitimização, vitimização múltipla, ameaças e agressões feitas por alunos e pais (Galand et al., 2007; Gregory et al., 2012; Martinez et al., 2016; Reddy et al., 2018). O suporte dos colegas e das chefias é um fator protetor (De Cordova et al., 2019), estando

negativamente associado à exposição de violência na escola e tendo um efeito direto no bem-estar e no envolvimento profissional (Galand et al., 2007).

Ensino *Online*

Em março de 2020, as escolas portuguesas encerraram devido à pandemia COVID-19 e o regime de ensino *online* foi adotado até ao final do ano letivo. Este tipo de ensino está associado a problemas relacionados com a cibersegurança (Eskey et al., 2014), sendo frequentes os ataques pessoais, calúnias, acusações, insultos e manifestações de desprezo contra os professores (Eskey et al., 2014). A maioria dos docentes afirma que não existem políticas estabelecidas para contornar este flagelo nem diretrizes sobre como reagir perante as agressões (Eskey et al., 2014).

Os alunos que exibem comportamentos agressivos participam nas tarefas de aprendizagem de forma depreciativa, fazem comentários rudes e piadas sobre os professores e colegas em esferas públicas como o correio eletrónico da turma ou nos fóruns de discussão das aulas (Li, 2012). Alunos agressivos podem responder a perguntas dirigidas ao professor, contradizê-lo, incentivar o mau comportamento dos pares e, em alguns casos, tornarem-se abusivos (Ko, 2004). Poucos alunos exibirão estes comportamentos em ensino presencial, mas parecem encorajados a fazê-lo em regime *online* (Ko, 2004).

Objetivos do estudo

Os dados da literatura internacional denotam que a violência contra os professores é transversal a diferentes países e culturas. Em Portugal alguns estudos (e.g., Fonseca de Carvalho et al., 2012 e Matos, 2009) abordam a violência nas escolas envolvendo estudantes, contudo, até à data, e tanto quanto é do nosso conhecimento, existe apenas um, Vizinho (2018), centrado na violência contra professores.

Face às considerações anteriores, este estudo pretende dar o seu contributo para a compreensão e caracterização da violência contra os professores em Portugal. Assim, os seus objetivos principais são:

- I. Avaliar a perceção de violência durante o ano letivo 2019/2020, considerando os regimes de ensino presencial e *online*.
- II. Caracterizar a fonte do(s) comportamento(s) violentos perpetrados contra os professores em ambos os regimes;

VIOÊNCIA NO TRABALHO CONTRA PROFESSORES

- III. Analisar a relação entre a percepção de violência no trabalho e:
 - a. as características individuais dos professores (sexo, idade, experiência profissional e nível de ensino que leciona).
 - b. as características do contexto laboral (tipo de escola em que trabalha e meio onde está inserida).
- IV. Avaliar a relação entre a percepção de violência no trabalho e o suporte social das chefias e dos colegas.

Método

Participantes

A amostra é constituída por 804 professores a trabalhar em Portugal com idades compreendidas entre os 24 e os 65 anos ($M = 44.13$; $DP = 7.52$). A maioria dos profissionais (91%) é do sexo feminino. O tempo de experiência de ensino varia entre 1 e 59 anos ($M = 17.08$; $DP = 9.11$).

Relativamente ao(s) nível(eis) de ensino lecionado(s), poderia ser mais que um, 50.2% dos participantes referiu ter lecionado no ensino básico, 8.6% no ensino secundário e 3.1% no ensino profissional, tendo os restantes profissionais lecionado noutras combinações de níveis de ensino (Ver Tabela 1).

Tabela 1

Nível(eis) de ensino(s) lecionado(s)

Nível	<i>n</i>	%
Básico	404	50.2
Básico e Secundário	131	16.3
Básico, Secundário e Profissional	59	7.3
Básico e Profissional	33	4.1
Secundário	69	8.6
Secundário e Profissional	35	4.4
Profissional	25	3.1
Educação Especial	8	1.0

Outras combinações	40	5.0
--------------------	----	-----

Em relação à localização geográfica, estão representadas no estudo escolas dos 18 distritos de Portugal Continental, bem como das regiões autónomas da Madeira e dos Açores (Tabela 2). No ano letivo 2019/2020, a maioria dos participantes exerceu em escolas localizadas em distritos litorais como Lisboa (24.9%), Braga (16.3%), Porto (15%) ou Setúbal (6%). Os distritos do interior como Portalegre (1%), Guarda (0.6%) ou Bragança (0.2%) são os menos representados.

Tabela 2

Distrito ou Região Autónoma onde estava inserida a escola em que o/a profissional lecionou

Distrito ou Região Autónoma	<i>n</i>	%
Açores	25	3.1
Aveiro	38	4.7
Beja	14	1.7
Braga	131	16,3
Bragança	2	0.2
Castelo Branco	9	1.1
Coimbra	22	2.7
Évora	8	1.0
Faro	29	3.6
Guarda	5	0.6
Leiria	37	4.6
Lisboa	200	24.9
Madeira	9	1.1
Portalegre	8	1.0
Porto	121	15.0
Santarém	29	3.6
Setúbal	48	6.0
Viana do Castelo	14	1.7
Vila Real	12	1.5
Viseu	19	2.4

Sem informação

24

3.0

Quanto ao meio, 70.5% dos professores da amostra referiram ter lecionado em escolas situadas em meio urbano sendo que os restantes 29.5% fizeram-no em escolas situadas em meio rural. Note-se, ainda, que a maioria dos docentes (82.5%) referiu ter exercido em escolas públicas (Tabela 3).

Tabela 3

Estatuto da escola em que o/a profissional lecionou

Estatuto	<i>n</i>	%
Instituições particulares de solidariedade social (IPSS)	2	0.2
Militar	1	0.1
Privada	134	16.7
Pública	663	82.5
Pública e Privada	4	0.5

Instrumentos

O protocolo de investigação incluiu vários questionários e escalas, os quais são descritos de seguida.

Questionário de Caracterização da Amostra

Este questionário visou recolher informação com vista à caracterização da amostra, tendo-se obtido dados sobre: 1) características sociodemográficas (idade e o sexo) e 2) características da situação profissional (anos de experiência, nível de ensino lecionado, tipo de escola (pública ou privada), meio (urbano ou rural), e concelho onde estava inserida a escola).

Escala de Agressão e Violência no Trabalho

Foi usada a versão proposta por Marques & Silva, (2017) da *Agression and Violence at Work Scale* (Escala de Agressão e Violência no Trabalho) de Rogers & Kelloway (1997) para o contexto português com base numa amostra de profissionais de saúde. Dada a inexistência de dados desta escala para a população docente, posteriormente, foi realizada a análise fatorial confirmatória por forma a determinar o ajustamento do instrumento à amostra em estudo.

A escala permite avaliar a percepção de frequência de acontecimentos violentos a que os participantes possam ter sido sujeitos no exercício da sua profissão durante o último ano, bem como, a natureza dos mesmos (psicológicos, físicos ou vicariantes). É constituída por 16 itens que avaliam três dimensões de violência: 1) psicológica, constituída por 3 itens, 2) física, constituída por 8 itens e 3) vicariante, constituída por 5 itens. Os itens são respondidos numa escala tipo *Likert* de quatro pontos: 0 (Nunca), 1 (Uma vez), 2 (Duas ou três vezes) e 3 (Quatro ou mais vezes). Quanto maior for a pontuação obtida maior é a percepção de frequência de exposição a acontecimentos violentos no exercício profissional.

No estudo já citado de Marques & Silva (2017), foi observado que a “Violência física” se dividiu em duas dimensões: 1) “Violência física dirigida ao profissional” e 2) “Violência física dirigida a bens”, tendo estas exibido, respetivamente, *alfas de Cronbach* de 0.81 e 0.68; a dimensão vicariante apresentou um *alfa de Cronbach* de 0.79 e a psicológica de 0.77, indicando a fiabilidade do instrumento.

Após a apresentação das escalas (i.e., dos comportamentos violentos) e por forma a identificar a fonte predominante associada aos mesmos, foi colocada a questão “Qual foi a fonte mais frequente dos comportamentos violentos que assinalou acima?” com as seguintes opções de resposta: “Alunos”, “Pais”, “Colegas”, “Outros” e “Nenhuma (assinalei “nunca” em todas as questões)”. Esta questão foi desenvolvida no âmbito do presente estudo e teve como principal objetivo permitir uma caracterização o mais detalhada possível do fenómeno junto do grupo profissional inquirido.

Percepção do suporte social da chefia e dos colegas

Foram usadas duas escalas para avaliar: (1) a percepção do suporte social da chefia e (2) a percepção do suporte social dos colegas.

Desenvolvidas por Caplan, Cobb, French, Van Harrison e Pinneau (1975) e modificadas por Lee (2004), ambas foram adaptadas por Silva (2008), considerando o contexto português, tendo-se obtido um *alfa de Cronbach* de 0.91 para a escala de percepção do suporte social dos colegas e de 0.90 para a escala de percepção do suporte social da chefia.

Cada escala contém 4 itens respondidos numa escala de *Likert* de 1 (“discordo totalmente”) a 5 (“concordo totalmente”) pontos, sendo que, maiores pontuações indicam uma maior percepção de suporte em ambas as facetas.

Questionário de percepção de violência em regime de ensino online.

Este questionário foi construído especificamente no âmbito do presente estudo com base na literatura (e.g., Li, 2012) e nos contributos de 4 professores consultados para o propósito. Especificamente, foram discutidos os principais temas que pudessem estar associados à violência contra os professores no ensino *online*.

Desta discussão, para além da agressão verbal *“Alguma vez foi agredido verbalmente durante uma aula online?”*, psicológica *“Alguma vez se sentiu humilhado e/ou ridicularizado durante uma aula online?”* e vicariante *“Teve conhecimento de algum(a) colega que se tenha visto obrigado(a) a cancelar uma aula online devido a intrusos que acederam e perturbaram a aula sem consentimento?”*, os professores ressaltaram a importância de temas como: a partilha com estranhos das senhas de acesso às aulas *“Algum(a) aluno(a) seu partilhou, sem o seu consentimento, o modo de acesso às suas aulas online?”* e as críticas/mensagens abusivas que podem ser enviadas pelo *chat* de mensagens *“Alguma vez foi alvo de comentários ou críticas agressivas escritas (por exemplo no chat de mensagens) durante uma aula online?”*.

O questionário é constituído por 11 itens, sendo 5 (e.g., *“Alguma vez teve uma aula sua (ou partes dela) gravada, sem o seu consentimento, a circular na internet?”*) respondidos com uma das seguintes opções: “Nunca”, “Não sei”, “Sim, uma vez”, “Sim, duas ou três vezes” e “Quatro ou mais vezes”, de forma a identificar a frequência dos acontecimentos questionados, 4 (e.g., *“Alguma vez o tentaram intimidar e/ ou foi intimidado durante uma aula online?”*) respondidos com uma das seguintes opções: “Não”, “Sim, por alunos meus”, “Sim, por pais ou familiares dos meus alunos” e “Sim, por estranhos que invadiram as minhas aulas” com o objetivo de identificar, a existir, a fonte dos comportamentos violentos. Os restantes 2 itens (e.g., *“Teve conhecimento de algum(a) colega de profissão que tenha tido uma aula interrompida por estranhos?”*) foram respondidos com uma das opções: “Não”, “Sim, um caso”, “Sim, dois a três casos” e “Sim, quatro ou mais casos”.

Para explorar outras vertentes da violência que pudessem não estar contempladas no questionário, foi colocada uma questão aberta sobre que outros tipos de violência poderiam estar relacionados com o ensino *online*.

Procedimento

Numa primeira fase, foram contactados 4 professores através de contactos informais, com o intuito de identificar questões que poderiam ser relevantes estudar no âmbito da violência em contexto de ensino *online*. Desta reflexão conjunta, surgiram os contributos supramencionados para construção do *Questionário de percepção de violência em regime de ensino online*. De seguida, foi aplicado um pré-teste do questionário a 6 professores, individualmente, adotando-se o mesmo critério de contacto da primeira fase. Foi utilizado o contacto eletrónico e telefónico para estabelecer conversas com os participantes. Do pré-teste não resultaram alterações ao questionário pelo que se considerou aceitável a compreensão/clareza do mesmo.

Paralelamente, alguns aspetos na introdução dos instrumentos foram adaptados aos objetivos e contexto do estudo. Especificamente, na Escala de Agressão e Violência no Trabalho, perguntou-se a frequência com que experienciou acontecimentos violentos no local de trabalho entre setembro de 2019 a março de 2020 (período de ensino presencial) e não durante o último ano. No questionário de Percepção do suporte social da chefia e dos colegas foi feita uma menção para os participantes considerem como "chefia" a(s) pessoa(s) que desempenha(m) um papel ligado à gestão e/ou direção na escola onde lecionou.

Obtida a versão final do protocolo de investigação, prosseguiu-se com a divulgação do estudo. Foram contactados sete sindicatos de professores, durante duas semanas de janeiro, com o objetivo de solicitar a colaboração na divulgação do estudo junto dos associados, não se tendo obtido qualquer resposta.

Face ao constrangimento descrito, a divulgação continuou em diversos grupos privados de professores no *LinkedIn* e no *Facebook*. Os administradores destes grupos acederam a publicar o *link* do estudo nas respetivas páginas que permitia aos participantes responder ao questionário na plataforma *Google Forms*. A participação iniciou-se com a apresentação do consentimento informado, onde foram explicitados os objetivos do estudo, o carácter voluntário da participação e a garantia de confidencialidade dos dados recolhidos. O preenchimento do questionário teve uma duração média de 10 minutos. Este esteve disponível *online* durante um mês (de janeiro a fevereiro de 2021). Refira-se, ainda, que o projeto obteve aprovação por parte da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas da UMinho.

Análise de dados

Para a análise de dados recorreu-se aos programas estatísticos *Statistical Package for the Social Sciences* (IBM® SPSS®, versão 27.0) e IBM® SPSS®, AMOS versão 27.0. A análise iniciou-se com a obtenção das estatísticas descritivas e da verificação dos pressupostos de normalidade da amostra.

Para estudar as relações entre variáveis, realizaram-se correlações de *Pearson*. Na análise das diferenças de médias entre as variáveis e as dimensões de violência realizaram-se testes não paramétricos (*Mann-Whitney* e *Kruskal Wallis*) e paramétricos (*t Student* e *ANOVA One-Way*). Relataram-se os resultados dos testes paramétricos quando ambos os testes concordavam nas conclusões, quando não concordavam, relataram-se os resultados dos testes não paramétricos, dado que os pressupostos de normalidade não estavam cumpridos, seguindo as recomendações de Fife – Schaw (2006). No caso dos não paramétricos para comparação de três ou mais grupos foi usada a correção de Bonferroni (Pestana & Gageiro, 2005) na identificação dos grupos que se diferenciavam.

Resultados

Análise Fatorial Confirmatória

De forma a avaliar as propriedades psicométricas da escala de Agressão e Violência no Trabalho, considerando o grupo ocupacional alvo do presente estudo, procedeu-se à análise fatorial confirmatória (AFC). Foi analisado o modelo de 3 fatores da escala original de Rogers e Kelloway (1997) (M1) e o modelo de 4 fatores proposto por Marques e Silva (2017) (M2) num estudo com enfermeiros portugueses, tendo este dado contributos para a adaptação do instrumento ao contexto português.

Para determinar a qualidade de ajustamento foram considerados índices indicados por Byrne (2013): χ^2/gl (Qui-quadrado sobre Graus de Liberdade), CFI (*Comparative Fit Index*), GFI (*Goodness of Fit Index*), AGFI (*Adjusted Goodness of Fit Index*) e RMSEA (*Root Mean Square Error of Approximation*).

Concluiu-se que o modelo original de 3 fatores, apesar de não ser considerado satisfatório, é o que oferece melhor ajustamento aos dados da amostra em estudo (ver tabela 4), pelo que, se optou por refiná-lo de forma a conseguir melhores índices de ajustamento.

O ajustamento do modelo foi realizado pela análise dos pesos fatoriais dos itens por forma a avaliar se todos tinham valores superiores que .50 conforme recomendado por Pestana & Gageiro (2005). Verificou-se que os pesos fatoriais dos itens 1 (*"Alguma vez foi esbofetado, pontapeado, amarrado ou empurrado por alguém enquanto estava a trabalhar?"*), 2 (*"Já alguém lhe cuspiu ou mordeu enquanto estava a trabalhar?"*), 5 (*"Já foi ameaçado com uma arma enquanto estava a trabalhar?"*) e 6 (*"Os seus bens pessoais ou de trabalho já foram danificados por alguém no seu trabalho?"*), todos referentes à dimensão da violência física, se revelaram menores que .50 pelo que foram eliminados seguindo as recomendações dos autores citados.

As alterações mencionadas conduziram ao M3 que, no geral, revela bons índices de ajustamento com valores CFI (0.941), GFI (0.943) e, AGFI (0.912) superiores a 0.90 e RMSEA (0.077) inferior a 0.080, valores que refletem, segundo Hair et al. (2010), um bom ajustamento. O valor χ^2 / gl (5.7) situa-se ligeiramente acima do recomendado por Wheaton et al. (1977), contudo, segundo Sahoo (2019) este quociente tende a aumentar com grandes amostras (superiores a 750). Os pesos fatoriais estandardizados situaram-se acima do ponto de corte 0.50 recomendado por Pestana & Gageiro (2005) indicando a validade fatorial (ver tabela 5). A significância dos valores dos itens foi assegurada pelos *t-values* superiores a 1.96 como recomendado por Byrne (2013). A consistência interna da escala foi assegurada pelos *Alfas de Cronbach* superiores a 0.70, como sugerido por Marôco (2010).

Posto isto, resolveu-se não realizar mais modificações ao modelo, considerando-se, assim, o M3 como aquele que melhor se adequa à amostra em estudo.

Tabela 4

Índices de ajustamentos dos modelos analisados

Índices de Ajustamento	M1 (3 fatores da escala original)	M2 (4 fatores da escala adaptada)	M3 (M1 Ajustado)
χ^2 / gl	6.9	7.7	5.7
CFI	0,881	0,869	0,941
GFI	0,895	0,896	0,943
AGFI	0.859	0.856	0.912

VIOÊNCIA NO TRABALHO CONTRA PROFESSORES

RMSEA	0,086	0,091	0,077
-------	-------	-------	-------

Tabela 5

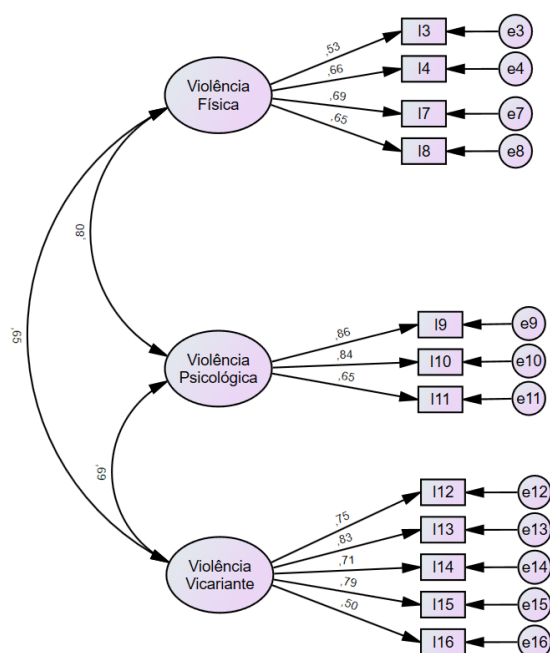
Análise da componente de medida do modelo proposto

Fator	Itens	Alfa de Cronbach	Peso Fatorial não Estandarizado	Peso Fatorial Estandarizado	Erros Estandarizados	t-values ***
	3		1.00	0.530	-	-
Violência	4	0.722	1.443	0.661	0.115	12.592
Física	7		1.452	0.668	0.113	12.851
	8		1.611	0.647	0.129	12.448
	9		1.00	0.857	-	-
Violência	10	0.817	0.886	0.838	0.033	26.445
Psicológica	11		0.815	0.654	0.042	19.569
	12		1.00	0.749	-	-
	13		1.261	0.827	0.056	22.627
Violência	14	0.840	0.860	0.706	0.045	19.314
Vicariante	15		1.130	0.787	0.052	21.585
	16		0.579	0.503	0.043	13.580

_ Parâmetro fixado a 1.0 na solução original; *** $p < .001$

Figura 1

Modelo (M3) proposto da Escala de Agressão e Violência no Trabalho para os dados da amostra.



Frequência de exposição a acontecimentos violentos – Período de ensino presencial

A tabela 6 apresenta os resultados relativos à frequência de acontecimentos violentos e agressivos percebidos pelos professores durante o período de ensino presencial.

O comportamento violento mais indicado é: *“Alguma vez ouviu falar se os seus colegas de trabalho/chefes experienciaram algum ato violento durante o trabalho?”* pertencente ao fator “Violência Vicariante”. Especificamente, 64.4% dos professores da amostra experienciaram, pelo menos uma vez, este tipo de violência durante o referido período, tendo os restantes 35.6% indicado nunca o ter percebido.

Salienta-se, ainda, que o segundo comportamento mais frequente também integra o fator supramencionado, enquanto o terceiro e o quarto concorrem para o fator “Violência Psicológica”. Em contrapartida, 97.3% dos participantes afirmam nunca ter experienciado o acontecimento: *“Já foi ameaçado com uma arma enquanto estava a trabalhar?”*, referente ao fator “Violência Física” sendo este o menos frequente. Os restantes itens pertencentes à dimensão “Violência Física” apresentam todos eles percentagens baixas, indicando que este tipo de violência é o menos percebido pelos professores da amostra.

VIOÊNCIA NO TRABALHO CONTRA PROFESSORES

Tabela 6

Frequência de acontecimentos agressivos e violentos percebidos pelos profissionais por ordem decrescente de percepção de exposição

Durante o período de ensino presencial do ano letivo 2019/2020...	0 vezes	1 vez	2 a 3 vezes	4 vezes ou mais
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
13. Alguma vez ouviu falar se os seus colegas de trabalho/chefes experienciaram algum ato violento durante o trabalho? (VV*)	286 (35.6)	181 (22.5)	220 (27.4)	117 (14.6)
15. Já ouviu falar de algum caso em que os seus colegas de trabalho/chefes tenham sido ameaçados de violência física no trabalho? (VV)	292 (36.3)	202 (25.1)	229 (28.5)	81 (10.1)
9. Já lhe gritaram ou berraram enquanto estava a trabalhar? (VP**)	406 (50.5)	181 (22.5)	151 (18.8)	66 (8.2)
11. Já se sentiu observado fixamente enquanto estava a trabalhar? (VP)	425 (52.9)	147 (18.3)	141 (17.5)	91 (11.3)
12. Alguma vez viu algum dos seus colegas de trabalho/chefes experienciar acontecimentos violentos no trabalho? (VV)	477 (59.3)	134 (16.7)	152 (18.9)	41 (5.1)
10. Alguma vez foi injuriado enquanto estava a trabalhar? (VP)	495 (61.6)	173 (21.5)	87 (10.8)	49 (6.1)
14. Já viu algum dos seus colegas de trabalho/chefes serem ameaçados de violência física no trabalho? (VV)	527 (65.5)	145 (18.0)	98 (12.2)	34 (4.2)
16. Algum dos seus amigos/familiares sofreram ou foram ameaçados de violência física enquanto estavam no trabalho? (VV)	538 (66.9)	149 (18.5)	92 (11.4)	25 (3.1)
8. Já alguém lhe fechou a porta na cara enquanto estava a trabalhar? (VF***)	591 (73.5)	121 (15.0)	73 (9.1)	19 (2.4)

VIOÊNCIA NO TRABALHO CONTRA PROFESSORES

7. Já alguém o ameaçou de danificar os seus bens pessoais ou de trabalho enquanto estava a trabalhar? (VF)	638 (79.4)	110 (13.7)	44 (5.5)	12 (1.5)
4. Já foi ameaçado com algum dos exemplos de violência física acima referidos enquanto estava a trabalhar? (VF)	647 (80.5)	92 (11.4)	52 (6.5)	13 (1.6)
6. Os seus bens pessoais ou de trabalho já foram danificados por alguém no seu trabalho? (VF)	684 (85.1)	79 (9.8)	32 (4.0)	9 (1.1)
3. Já lhe atiraram algum objeto enquanto estava a trabalhar? (VF)	686 (85.3)	75 (9.3)	33 (4.1)	10 (1.2)
1. Alguma vez foi esbofeteado, pontapeado, amarrado ou empurrado por alguém enquanto estava a trabalhar? (VF)	740 (92)	45 (5.6)	17 (2.1)	2 (0.2)
2. Já alguém lhe cuspiu ou mordeu enquanto estava a trabalhar? (VF)	764 (95)	27 (3.4)	11 (1.4)	2 (0.2)
5. Já foi ameaçado com uma arma enquanto estava a trabalhar? (VF)	782 (97.3)	17 (2.1)	3 (0.4)	2 (0.2)

Nota: *VV = Violência Vicariante, **VP = Violência Psicológica e ***VF = Violência Física.

Os dados revelam que os atores do cenário escolar que praticam com maior frequência os atos violentos assinalados são os alunos (74%), pais (17%) e colegas (3%).

Relação entre a perceção de violência e variáveis individuais e do contexto laboral

Verificaram-se conclusões consistentes entre testes para todas as variáveis, à exceção do “sexo”. Nesta, foram consideradas as conclusões do teste não paramétrico dado que os pressupostos para a utilização do teste *t Student* não estavam cumpridos. Na tabela 7 estão apresentadas as médias e desvios padrão das variáveis estudadas, em função dos tipos de violência, bem como a média e o desvio padrão da amostra global nos três tipos de violência.

VIOLÊNCIA NO TRABALHO CONTRA PROFESSORES

Tabela 7

Médias e desvios padrão das variáveis individuais e do contexto laboral em função dos diferentes tipos de violência

		Violência Física <i>M (DP)*</i>	Violência Psicológica <i>M (DP)*</i>	Violência Vicariante <i>M (DP)*</i>
Amostra Global		0.30 (0.49)	0.78 (0.85)	0.82 (0.74)
Sexo	Feminino (<i>n</i> = 732)	0.17 (0.46)	0.75 (0.83)	0.93 (0.83)
	Masculino (<i>n</i> = 72)	0.43 (0.74)	1.00 (1.03)	0.80 (0.73)
Nível de Ensino	Básico (<i>n</i> = 404)	0.30 (0.46)	0.78 (0.83)	0.85 (0.77)
	Básico e Secundário (<i>n</i> = 131)	0.25 (0.41)	0.72 (0.82)	0.73 (0.68)
	Básico, Secundário e Profissional (<i>n</i> = 59)	0.39 (0.66)	0.96 (0.95)	0.88 (0.72)
	Básico e Profissional (<i>n</i> = 33)	0.19 (0.27)	0.64 (0.63)	0.71 (0.74)
	Secundário (<i>n</i> = 69)	0.29 (0.52)	0.64 (0.77)	0.82 (0.79)
	Secundário e Profissional (<i>n</i> = 35)	0.30 (0.57)	0.83 (1.06)	0.72 (0.62)
	Profissional (<i>n</i> = 25)	0.38 (0.54)	0.95 (0.81)	0.61 (0.69)
Tipo de Escola	Pública (<i>n</i> = 663)	0.32 (0.50)	0.79 (0.84)	0.87 (0.75)
	Privada (<i>n</i> = 134)	0.19 (0.38)	0.67 (0.82)	0.55 (0.64)
Região	Norte (<i>n</i> = 278)	0.28 (0.52)	0.66 (0.81)	0.79 (0.75)
	Centro (<i>n</i> = 130)	0.30 (0.49)	0.93 (0.89)	0.77 (0.70)
	A.M. Lisboa (<i>n</i> = 248)	0.30 (0.44)	0.80 (0.87)	0.83 (0.76)
	Alentejo (<i>n</i> = 59)	0.38 (0.45)	0.91 (0.84)	0.86 (0.72)
	Algarve (<i>n</i> = 29)	0.34 (0.63)	0.68 (0.81)	0.83 (0.79)
	Madeira (<i>n</i> = 9)	0.11 (0.22)	0.52 (0.47)	0.82 (0.51)

VIOLÊNCIA NO TRABALHO CONTRA PROFESSORES

	Açores ($n = 25$)	0.34 (0.51)	0.87 (0.86)	0.92 (0.73)
Meio	Rural ($n = 237$)	0.28 (0.49)	0.69 (0.81)	0.77 (0.74)
	Urbano ($n = 567$)	0.31 (0.49)	0.80 (0.86)	0.83 (0.74)

Nota: * M = Média, DP = Desvio Padrão.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao nível do “meio” (rural *vs* urbano) na violência física ($t(802) = -.883$, $p = .377$), psicológica ($t(802) = -1.771$, $p = .077$) e vicariante ($t(802) = -1.146$, $p = .252$), ao “nível de ensino” (Básico *vs* Secundário *vs* Profissional), tendo sido comparados apenas estes três níveis de modo a controlar a “combinação de níveis”, para a violência física ($F(2) = 0.411$, $p = .663$), psicológica ($F(2) = 1.445$, $p = .237$) e vicariante ($F(2) = 1.165$, $p = .313$) e ao nível do “sexo” na violência física ($U(804) = 2493.500$, $p = .402$), psicológica ($U(804) = 23264.500$, $p = .092$) e vicariante ($U(804) = 23927$, $p = .193$).

Por outro lado, identificaram-se diferenças estatisticamente significativas ao nível das regiões na violência psicológica ($H(6) = 13.905$, $p = .031$), tendo as regiões Centro e Alentejo apresentado médias superiores e estatisticamente significativas face à região Norte, na violência física ($H(6) = 7.688$, $p = .262$) e vicariante ($H(6) = 1.805$, $p = .937$) não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Quanto ao “estatuto da escola” (Pública *vs* Privada) foram observadas diferenças ao nível da violência física ($t(795) = 6.492$, $p = .011$) e vicariante ($t(795) = 20.160$, $p = .000$) tendo as públicas médias superiores face às privadas. Não se registaram diferenças ao nível da violência psicológica ($t(795) = 1.784$, $p = .182$).

A relação entre as dimensões da violência com a idade, anos de experiência, suporte das chefias e dos colegas foi examinada por testes de correlação de *Pearson* (tabela 8). Verificaram-se correlações significativas positivas entre a violência vicariante e a idade e o tempo de experiência. Todos os tipos de violência apresentaram uma correlação significativa negativa com o suporte dos colegas e com o suporte das chefias.

Tabela 8

Matriz de correlação de Pearson entre as diferentes dimensões de violência e as variáveis descritas

	Idade	Tempo de Experiência	Suporte das Chefias	Suporte dos Colegas
1.Violência Física	.054	.041	-.343**	-.240**
2.Violência Psicológica	.022	.042	-.431**	-.223**
3.Violência Vicariante	.131**	.127**	-.334**	-.183**

*Nota. p** <.01.*

Frequência de exposição a acontecimentos violentos – Período de ensino *online*

Durante o período de ensino *online*, a maioria dos professores da amostra (83.2%) lecionou em regime síncrono e assíncrono sendo que 95% afirmou nunca o ter feito antes da situação pandémica. A maioria revela que se sentiu apoiado durante o ensino *online* pela escola onde lecionava, especificamente, 33.1% referiu concordar com a referida afirmação e 29.5% concordar totalmente, por outro lado, 11.8% discordou e 7.5% discordou totalmente, os restantes 18.2% não concordaram nem discordaram. A perceção de suporte sentido face ao ensino *online* é ainda mais notória quando se questiona o apoio recebido por partes dos colegas: 45% respondeu concordar que *“Sentiu que podia contar com o apoio dos seus colegas para lidar com qualquer situação que pudesse surgir?”*, 36.3% concordou totalmente, 12.7% não concordou nem discordou, 4.6% discordou e 1.4% discordou totalmente.

Os comportamentos mais referidos associam-se à violência vicariante (ver tabela 9) como: *“Teve conhecimento de algum(a) colega de profissão que tenha tido uma aula interrompida por estranhos?”* tendo 55.2% assinalado ter conhecimento de pelo menos um caso. 37.7% afirmou o mesmo relativamente à questão *“Teve conhecimento de algum(a) colega que se tenha visto obrigado(a) a cancelar uma aula online devido a intrusos que acederam e perturbaram a aula sem consentimento?”*. Questões associadas à violência psicológica apresentam taxas de frequência baixas. 17% dos professores relataram terem tido, pelo menos uma vez, aulas interrompidas por estranhos sem o seu consentimento. Neste âmbito, 49.6 % declararam ter sentido necessidade de aprender/utilizar estratégias de *cibersegurança* para impedir o acesso não consentido de estranhos às suas aulas.

Tabela 9

Frequência de acontecimentos agressivos e violentos percebidos durante o período de ensino online por ordem decrescente de frequência

Durante o período de ensino <i>online</i> do ano letivo 2019/2020...	Não	Não sei	Sim, uma vez	Sim, duas a três vezes	Sim, quatro ou mais vezes
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
1. Alguma vez teve uma aula sua (ou partes dela) gravada, sem o seu consentimento, a circular na <i>internet</i> ?	353 (43.9)	432 (53.7)	13 (1.6)	4 (0.5)	2 (0.2)
3. Algum(a) aluno(a) seu partilhou, sem o seu consentimento, o modo de acesso às suas aulas <i>online</i> ?	482 (60)	257 (32)	49 (6.1)	14 (1.7)	2 (0.2)
2. Alguma vez partilharam conteúdos indesejáveis que perturbaram o bom funcionamento da sua aula <i>online</i> ?	612 (76.1)	71 (8.8)	70 (8.7)	40 (5.0)	11 (1,4)
4. Alguma vez teve uma aula <i>online</i> interrompida, sem o seu consentimento, por estranhos?	650 (80.8)	17 (2.1)	87 (10.8)	42 (5.2)	8 (1)
5. Alguma vez teve de cancelar uma aula <i>online</i> devido a estranhos que acederam à sua aula sem o seu consentimento?	761 (94.7)	-	35 (4.4)	5 (0.6)	3 (0.4)
	Não	Sim, por alunos meus	Sim, por pais ou familiares dos meus alunos	Sim, por estranhos que invadiram as minhas aulas	

VIOÊNCIA NO TRABALHO CONTRA PROFESSORES

	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
9. Alguma vez se sentiu humilhado e/ou ridicularizado durante uma aula <i>online</i> ?	742 (92.3)	42 (5.2)	16 (2.0)	4 (0.5)
6. Alguma vez o tentaram intimidar e/ ou foi intimidado durante uma aula <i>online</i> ?	769 (95.6)	15 (1.9)	15 (1.9)	5 (0.6)
7. Alguma vez foi agredido verbalmente durante uma aula <i>online</i> ?	774 (96.3)	21 (2.6)	7 (0.9)	2 (0.2)
8. Alguma vez foi alvo de comentários ou críticas agressivas escritas (por exemplo no <i>chat</i> de mensagens) durante uma aula <i>online</i> ?	777 (96.6)	14 (1.7)	10 (1.2)	3 (0.4)
	Não	Sim, um caso	Sim, dois a três casos	Sim, quatro ou mais casos
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
10. Teve conhecimento de algum(a) colega de profissão que tenha tido uma aula interrompida por estranhos?	360 (44.8)	223 (27.7)	168 (20.9)	53 (6.6)
11. Teve conhecimento de algum(a) colega que se tenha visto obrigado(a) a cancelar uma aula <i>online</i> devido a intrusos que acederam e perturbaram a aula sem consentimento?	501 (62.3)	182 (22.6)	92 (11.4)	29 (3.6)

VIOLÊNCIA NO TRABALHO CONTRA PROFESSORES

A maioria (55.7%) refere, ainda, que os níveis de violência perpetrados não se alteraram devido ao ensino *online* ao passo que 29.9% defende que esses níveis aumentaram e 14.4% refere que diminuíram.

Na opinião dos 164 participantes que responderam à questão aberta, comportamentos violentos como os indicados na tabela 10 (por ordem decrescente de frequência) estão associados ao regime de ensino *online*.

Tabela 10

Comportamentos violentos associados ao ensino online

Interferência negativa dos pais/encarregados de educação

Ciberbullying/ Bullying

Violação dos direitos de imagem/identidade

Falta de controlo da aula (e.g., câmaras desligadas, saídas das aulas, formas inapropriadas de assistir às aulas)

Indiferença

Sobrecarga de trabalho e desgaste emocional associado

Violência vicariante (ambiente familiar do aluno).

Assédio sexual

Discussão

Os resultados obtidos indicam que o tipo de violência mais frequentemente percecionado em ensino presencial é a vicariante e a menos é a física. Estas conclusões coincidem parcialmente com os dados da literatura, na medida em que concordam com Gregory et al. (2012) no tipo de violência menos frequente mas discordam de outros estudos como os de Alonso et al. (2009); Berg & Cornell (2016) e Mooij (2011), onde o tipo de violência mais frequentemente mencionado pelos docentes foi a verbal, o que também se verificou no estudo de Vizinho (2018), realizado com professores portugueses.

Quanto à fonte perpetradora, durante o período de ensino presencial, a maioria dos professores referiu que são os alunos os autores dos atos violentos por si assinalados corroborando as conclusões de McMahon et al. (2014).

Relativamente às características individuais, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao nível do sexo contrariando os dados de McMahon et al. (2014), que defende que os homens tem uma probabilidade significativamente superior de sofrerem mais agressões físicas e psicológicas, de Martinez et al. (2016), que aponta para uma maior vitimização dos professores em relação às professoras, ou de Robers et al. (2015) que, contrariamente aos anteriores, indica que as mulheres têm um maior risco de vitimização.

Ao nível da idade e do tempo de experiência, os dados revelam uma associação significativa positiva com a frequência de violência vicariante indicando que os professores mais velhos e mais experientes reportam significativamente mais este tipo de violência do que os professores mais jovens e menos experientes o que contraria as conclusões de Gerberich et al. (2011) e Robers et al. (2013). Estes dados podem ser explicados por duas razões, possivelmente, os professores mais velhos são mais abordados por colegas vitimizados, porque têm mais experiência em lidar com este tipo de situações (Reddy et al., 2018), e, também, devem exercer funções de coordenação de turmas ou de direção, o que lhes dará um contacto mais próximo com os relatos das situações de violência.

Nas características contextuais e do meio laboral, encontraram-se diferenças estatisticamente significativas entre tipos de escolas, com as públicas a apresentarem níveis de violência física e vicariante superiores às privadas o que corrobora as conclusões de Gerberich et al. (2014) e Robers et al. (2013). Nas escolas privadas existe uma gestão mais efetiva (Martinez, 2014) e autónoma (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico [OCDE], 2011). Possivelmente, este maior controlo interno e independência na tomada de decisão poderá possibilitar uma reação mais célere das instituições face aos agressores, mitigando os casos de violência. Também se identificaram diferenças estatisticamente significativas entre regiões para a violência psicológica tendo o Centro e Alentejo apresentado médias superiores face ao Norte.

Por outro lado, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao nível do tipo de ensino, contrariando as descobertas de Alonso et al. (2009); Chen & Astor (2009) e Gary et al. (1998) que apontam para uma maior vitimização no ensino secundário e profissional,

nem ao nível do meio, discordando de Berg & Cornell (2016); Gregory et al. (2012) e Robers et al. (2013) que referem a maior probabilidade de vitimização em meio urbano. Neste caso, salienta-se o facto de que o critério de escolha do meio coube ao participante, talvez fossem encontradas diferenças se os critérios para considerar o meio como rural ou urbano fossem explícitos como acontece no estudo de Gregory et al. (2012).

Verificou-se uma associação negativa estatisticamente significativa entre o suporte social dos colegas e das chefias e a percepção de violência, indicando que os professores que não se sentem apoiados pelos seus colegas/diretores tendem a perceber mais frequentemente acontecimentos violentos no trabalho corroborando as conclusões de Gregory et al. (2012), Martinez et al. (2016) e Reddy et al. (2018).

No período de ensino *online*, os professores tiveram de adotar comportamentos de cibersegurança para prevenir intrusões indesejadas nas suas aulas. No fim do ano letivo, o Centro Nacional de Cibersegurança (CNS, 2021) realizou um inquérito com o objetivo de avaliar a percepção dos comportamentos de cibersegurança adotados pelos professores. Os dados do CNS revelam que 11% dos 21.126 professores da amostra sofreram intrusões de terceiros nas suas aulas *online* e que 3% teve uma aula sua gravada e, posteriormente, partilhada *online*. Por sua vez, os dados recolhidos no presente estudo demonstram que 17% dos professores da amostra tiveram as suas aulas *online* interrompidas, pelo menos uma vez, por estranhos, um número superior aos 11% aferidos pelo CNS. As percentagens referentes à partilha *online* de aulas gravadas situam-se nos 2.3%, um valor ligeiramente inferior ao obtido pelo CNS.

As questões relativas à violência vicariante foram as que tiveram maiores percentagens de percepção de violência no período de ensino *online*. Estes dados não corroboram as conclusões de Kopecký & Szotkowski (2017) que indicam que as formas mais comuns de ciberataques aos professores são verbais (e.g., insultos, ridicularização, humilhação). Não obstante, dados do inquérito do *Gewerkschaft Erziehung und Wissenschaft* (GEW, 2008) destacam a relevância da violência vicariante no ensino *online*, apontando que mais de 30% dos professores alemães tiveram conhecimento de casos de *cyberbullying* entre colegas de profissão.

Apesar da fonte mais frequente dos comportamentos violentos assinalados em regime *online* ser os alunos, nesta modalidade de ensino, os professores da amostra ressaltaram, o papel

dos pais/encarregados de educação que se dirigiam a eles de forma abusiva e prejudicial para o decorrer das aulas.

De resto, este foi mesmo o comportamento violento associado ao ensino *online* mais assinalado. Especificamente, foram relatados casos em que os docentes recebiam insultos, injúrias, queixas sobre outros professores, críticas pejorativas sobre a sua forma de lecionar, julgamentos, interferências que perturbavam o bom funcionamento das aulas, sugestões sobre como deveriam ser abordadas as matérias e pressão psicológica de pais que assistiam às aulas à espera de encontrar algum erro do professor. A questão do contexto familiar do aluno surge através de relatos de violência vicariante com os professores a afirmarem que presenciaram episódios de violência doméstica entre as famílias dos alunos.

Outra forma de violência relacionada ao ensino *online* “*Sobrecarga de trabalho e desgaste emocional associado*”, poderia ser interpretada como uma consequência deste regime de ensino, contudo, na perceção dos participantes, surge como uma forma de violência (eg., “*Deixei de ter vida pessoal para me dedicar ao ensino online... É uma forma de violência!*”).

Limitações do estudo e direções futuras

A principal limitação deste estudo reside no facto de se reportar a um tempo passado, (setembro de 2019 a junho de 2020). Os dados foram recolhidos em janeiro de 2021 e o viés da memória não deve ser menosprezado quando se avalia as possíveis variáveis parasitas que possam ter contaminado os resultados.

Embora a maioria (77.9%) dos docentes em Portugal seja do sexo feminino (PORDATA, 2019), seria relevante diminuir a assimetria de participação entre sexos (91% dos participantes eram do sexo feminino e 9% do masculino) por forma a garantir a validade externa.

A utilização da Escala de Agressão e Violência no Trabalho revelou-se pouco adequada devido à existência de 4 itens problemáticos (1,2,5, e 6), pertencentes à dimensão da violência física, que tiveram de ser eliminados, deixando a referida dimensão com metade dos itens inicialmente previstos para a avaliar. A literatura indica que o tipo de violência mais frequentemente perpetrado contra professores é a verbal (Alonso et al., 2009; Berg & Cornell, 2016; Mooij, 2011; Gregory et al., 2012), pelo que, em futuros estudos, seria desejável usar um instrumento onde as várias facetas deste tipo de violência estejam contempladas. Para isso, terão de ser adaptados ou

VIOLÊNCIA NO TRABALHO CONTRA PROFESSORES

criados instrumentos, dado que, em Portugal, quanto o que é do nosso conhecimento, não existem instrumentos validados para o efeito.

Por outro lado, a referida escala foi usada para avaliar o período de 6 meses de ensino presencial, tendo esta sido concebida para considerar eventos durante o ano anterior àquele em que é aplicada. Nos comentários facultativos, alguns participantes referiram já terem sido vítimas dos comportamentos mencionados, mas não no período temporal indicado, ou seja, provavelmente, as taxas de vitimização seriam maiores se a referência temporal tivesse sido 1 ano.

Noutros estudos podem ser desenvolvidos novos instrumentos capazes de capturar a realidade do fenómeno ou abordagens ao tema por diferentes métodos de investigação (qualitativo, *focus group*) de forma a contribuir para o seu entendimento.

Referências

- Alonso, J. D., López-Castedo, A., & Juste, M. P. (2009). School violence: Evaluation and proposal of teaching staff. *Perceptual and Motor Skills*, 109(2), 401–406. <https://doi.org/10.2466/PMS.109.2.401-406>
- Berg, J. K., & Cornell, D. (2016). Authoritative school climate, aggression toward teachers, and teacher distress in middle school. *School Psychology Quarterly*, 31(1), 122–139. <https://doi.org/10.1037/spq0000132>
- Buck, C. A. (2006). *The Effects of Direct and Indirect Experiences with School Crime and Violence on High School Teacher Burnout* [Tese de Doutorado, Georgia State University]. https://scholarworks.gsu.edu/psych_diss/15/
- Byrne, B. M. (2013). *Structural Equation Modeling With AMOS*. (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781410600219>
- Caplan, R. D., Cobb, S., French, J. R. P., Van Harrison, R., & Pinneau, S. R. (1975). Job demands and worker health: Main effects and occupational differences. *The National Institute for Occupational Safety and Health*, 75-160.
- Centro Nacional de Cibersegurança (2021). *Cibersegurança e ensino à distância: Resultados de inquérito à comunidade docente*. https://www.cncs.gov.pt/content/files/inquerito_ciberseg_ensino_dist_cncs_dge.pdf
- Chappell, D., & Di Martino, V. (2006). *Violence at work*. (3rd ed.). International Labour Office. https://www.ilo.org/global/publications/ilo-bookstore/order-online/books/WCMS_PUBL_9221108406_EN/lang-en/index.htm
- Chen, J. K., & Astor, R. A. (2009). Students' reports of violence against teachers in Taiwanese schools. *Journal of School Violence*, 8(1), 2–17. <https://doi.org/10.1080/15388220802067680>
- Courcy, F., Morin, A. J. S., & Madore, I. (2019). The Effects of Exposure to Psychological Violence in the Workplace on Commitment and Turnover Intentions: The Moderating Role of Social Support and Role Stressors. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(19), 4162–4190. <https://doi.org/10.1177/0886260516674201>
- De Cordova, F., Berlanda, S., Pedrazza, M., & Fraizzoli, M. (2019). Violence at school and the well-being of teachers. The importance of positive relationships. *Frontiers in Psychology*, 10(8), 1–9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01807>

- Dzuka, J., & Dalbert, C. (2007). Student violence against teachers: Teachers' well-being and the belief in a just world. *European Psychologist*, 12(4), 253–260. <https://doi.org/10.1027/1016-9040.12.4.253>
- Einarsen, S., & Nielsen, M. B. (2015). Workplace bullying as an antecedent of mental health problems: a five-year prospective and representative study. *International Archives of Occupational and Environmental Health*, 88(2), 131–142. <https://doi.org/10.1007/s00420-014-0944-7>
- Eskey, M., Taylor, C., & Eskey, M. (2014). Cyber-Bullying in the Online Classroom: Instructor Perceptions of Aggressive Student Behavior. *Online Journal of Distance Learning Administration*, 17(4), 1-20.
- Espelage, D., Anderman, E. M., Brown, V. E., Jones, A., Lane, K. L., McMahon, S. D., Reddy, L. A., & Reynolds, C. R. (2013). Understanding and preventing violence directed against teachers: Recommendations for a national research, practice, and policy agenda. *American Psychologist*, 68(2), 75–87. <https://doi.org/10.1037/a0031307>
- Eurofound. (2012). *Fifth European working conditions survey*. <https://doi.org/10.2806/34660>
- Eurofound. (2013). *Foundation findings: Physical and psychological violence at the workplace*. <https://doi.org/10.2806/49169>
- Eurofound. (2015). *Violence and harassment in European workplaces: Extent, impacts and policies*. https://www.eurofound.europa.eu/sites/default/files/ef_comparative_analytical_report/field_ef_documents/ef1473en.pdf.
- Eurofound. (2017). *Sixth European working conditions survey – overview report (2017 update)*. <https://10.2806/422172>
- Fife-Schaw, C. (2006). Levels of measurement. In G. M. Breakwell, S. Hammond, C. Fife-Schaw, & J. A. Smith (Eds), *Research Methods in Psychology*. (3.^a ed.). SAGE.
- Fonseca de Carvalho, S., Lima, L., & Gaspar de Matos, M. (2012). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 20(4), 571–585. <https://doi.org/10.14417/ap.21>
- Galand, B., Lecocq, C., & Philippot, P. (2007). School violence and teacher professional disengagement. *British Journal of Educational Psychology*, 77(2), 465–477. <https://doi.org/10.1348/000709906X114571>

- Gary, A., C, A. H., & Ruth, L. (1998). *Fear , victimization , and stress among urban public school teachers : Summary*, 9(3), 159–171.
- Gerberich, S. G., Nachreiner, N. M., Ryan, A. D., Church, T. R., McGovern, P. M., Geisser, M. S., Mongin, S. J., Watt, G. D., Feda, D. M., Sage, S. K., & Pinder, E. D. (2011). Violence against educators: A population-based study. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, 53(3), 294–302. <https://doi.org/10.1097/JOM.0b013e31820c3fa1>
- Gewerkschaft Erziehung und Wissenschaft. (2008). *Cyber-Mobbing in Schulen*. <https://www.gew.de/aktuelles/detailseite/neuigkeiten/gew-studie-zu-cybermobbing-die-ergebnisse-in-kuerze/>
- Gregory, A., Cornell, D., & Fan, X. (2012). Teacher safety and authoritative school climate in high schools. *American Journal of Education*, 118(4), 401–425. <https://doi.org/10.1086/666362>,
- Hair, J.F., Black, W.C., Babin, B.J., & Anderson, R.E. (2010). *Multivariate Data Analysis: A global perspective*. (7th ed). Pearson
- Huang, F. L., Eddy, C. L., & Camp, E. (2020). The Role of the Perceptions of School Climate and Teacher Victimization by Students. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(23–24), 5526–5551. <https://doi.org/10.1177/0886260517721898>
- International Labour Organization. (2019, June,1). *C190 - Violence and Harassment Convention*, 2019(Nº190). https://www.ilo.org/dyn/normlex/en/f?p=NORMLEXPUB:12100:0::NO::P12100_ILO_COD E:C190#A19
- International Labour Organization. (2020). *Safe and healthy working environments free from violence and harassment*. https://www.ilo.org/global/topics/safety-and-health-at-work/resources-library/publications/WCMS_751832/lang-en/index.htm
- Ko, B. S. (2004). *Managing " Difficult " Students In the Online Classroom*. <http://trainingthetrainers2010.pbworks.com/f/Managing+Difficult+Students+in+the+Online+Classroom.pdf>
- Kopecký, K., & Sztokowski, R. (2017). Specifics of cyberbullying of teachers in czech schools - a national research. *Informatics in Education*, 16(1), 103–119. <https://doi.org/10.15388/infedu.2017.06>
- Lee, P. C. B. (2004). Social support and leaving intention among computer professionals.

- Information and Management*, 41(3), 323–334. [https://doi.org/10.1016/S0378-7206\(03\)00077-6](https://doi.org/10.1016/S0378-7206(03)00077-6)
- Li, L. (2012). *Student Misbehaviors and Teacher Techniques in Online Classrooms: Instrument Development and Validation* [Tese de Doutorado, Ohio University] <https://etd.ohiolink.edu/>
- Marôco, J (2010). *Análise de equações estruturais. Fundamentos teóricos, software & aplicações*. (1ªed.). ReportNumber.
- Marques, D., & Soares Silva, I. (2017). Violência no trabalho: Um estudo com enfermeiros/as em hospitais portugueses. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 17(4), 226–234. <https://doi.org/10.17652/rpot/2017.4.13886>
- Martinez, S. The Public School Advantage: Why Public Shools Outperform Private Schools. (2014) *Contemporary Sociology*, 44(4). 530-532.
- Martinez, A., McMahon, S. D., Espelage, D., Anderman, E. M., Reddy, L. A., & Sanchez, B. (2016). Teachers' Experiences With Multiple Victimization: Identifying Demographic, Cognitive, and Contextual Correlates. *Journal of School Violence*, 15(4), 387–405. <https://doi.org/10.1080/15388220.2015.1056879>
- Matos, M. G. De. (2009). Bullying nas escolas : comportamentos e percepções. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10(1), 3–15.
- McMahon, S. D., Martinez, A., Espelage, D., Rose, C., Ready, L.A., Lane, k., et al. (2014). Violence Directed against teachers: results from a national survey. *Psychol, Sch.* 51,735-766. <https://doi.org/10.1002/pits.21777>
- McMahon, S. D., Reaves, S., McConnell, E. A., Peist, E., Ruiz, L., Espelage, D., Reddy, L. A., Anderman, E. M., Lane, K., Reynolds, C. R., Jones, A., & Brown, V. (2017). The Ecology of Teachers' Experiences with Violence and Lack of Administrative Support. *American Journal of Community Psychology*, 60(3–4), 502–515. <https://doi.org/10.1002/ajcp.12202>
- Milczarek, M. (2010). *Workplace violence and harassment: A European picture*. European Agency for Safety and Health at Work. <https://doi.org/10.2802/12198>
- Mooij, T. (2011). Secondary school teachers' personal and school characteristics, experience of violence and perceived violence motives. *Teachers and Teaching: Theory and Practice*, 17(2), 227–253. <https://doi.org/10.1080/13540602.2011.539803>
- Moon, B., & McCluskey, J. (2016). School-Based Victimization of Teachers in Korea: Focusing on Individual and School Characteristics. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(7), 1340–1361.

- <https://doi.org/10.1177/0886260514564156>
- Moon, B., Morash, M., Jang, J. O., & Jeong, S. J. (2015). Violence against teachers in South Korea: Negative consequences and factors leading to emotional distress. *Violence and Victims*, 30(2), 279–292. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.WV-D-13-00184>
- Nielsen, M. B., & Einarsen, S. V. (2018). What we know, what we do not know, and what we should and could have known about workplace bullying: An overview of the literature and agenda for future research. *Aggression and Violent Behavior*, 42, 71–83. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.06.007>
- Organização para o Desenvolvimento e Cooperação Económica (OCDE). (2011). *Escolas privadas: Quem sai ganhando? Pisa em Foco*. <https://www.oecd.org/pisa/pisaproducts/pisainfocus/48726101.pdf>
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. (4ª ed.) Edições Sílabo
- Pheko, M. M., Monteiro, N. M., & Segopolo, M. T. (2017). When work hurts: A conceptual framework explaining how organizational culture may perpetuate workplace bullying. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 27(6), 571–588. <https://doi.org/10.1080/10911359.2017.1300973>
- Pordata. (2019). *Docentes dos sexo feminino em % dos docentes em exercício nos ensinos pré escolar, básico e secundário: total e por nível de ensino*. <https://www.pordata.pt/Portugal/Docentes+do+sexo+feminino+em+percentagem+d+docentes+em+exerc%3%adicio+nos+ensinos+pr%3%a9+escolar++b%3%a1sico+e+secund%3%a1rio+total+e+por+n%3%advel+de+ensino-782>
- Reddy, L. A., Espelage, D. L., Anderman, E. M., Kanrich, J. B., & McMahon, S. D. (2018). Addressing violence against educators through measurement and research. *Aggression and Violent Behavior*, 42(April), 9–28. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.06.006>
- Robers, S., Kemp, J., Truman, J., & Snyder, T. (2013). *Indicators of School Crime and Safety: 2012*. National Center for Education Statistics. <https://nces.ed.gov/pubs2013/2013036.pdf>
- Robers, S., Zhang, A., Morgan, R. E., & Musu-Gillette, L. (2015). *Indicators of School Crime and Safety: 2014*. National Center for Education Statistics. <http://nces.ed.gov/pubs2015/2015072.pdf>
- Rogers, K. A., & Kelloway, E. K. (1997). Violence at work: personal and organizational outcomes.

- Journal of occupational health psychology*, 2(1), 63–71. <https://doi.org/10.1037/1076-8998.2.1.63>
- Sahoo, M. (2019). Structural Equation Modeling: Threshold Criteria for Assessing Model Fit. *Methodological Issues in Management Research: Advances, Challenges, and the Way Ahead*, 269–276. <https://doi.org/10.1108/978-1-78973-973-220191016>
- Silva, I. M. S. (2008). *Adaptação ao trabalho por turnos*. [Tese de Doutorado, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7723>.
- Vizinho, S. R. (2018). *Stress e confiança nas organizações educativas portuguesas : Como gerimos a violência dos alunos ?* [Tese de Mestrado, Universidade Portucalense].
- Wheaton, B., Muthen, B., Alwin, D. F., & Summers, G. F. (1977). Assessing Reliability and Stability in Panel Models. *Sociological Methodology*, 8(May), 84. <https://doi.org/10.2307/270754>
- Wilson, C. M., Douglas, K. S., & Lyon, D. R. (2011). Violence against teachers: Prevalence and consequences. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(12), 2353–2371. <https://doi.org/10.1177/088626051038302>



Universidade do Minho

Conselho de Ética

Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CEICSH 135/2020

Relatores: Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *Perceção de violência no trabalho: um estudo com professores(as) portugueses(as) em regime de ensino presencial e online*

Equipa de Investigação: Sara Filipa Gonçalves Castro, Mestrado Integrado em Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Professora Doutora Isabel Maria Soares da Silva (orientadora), Escola de Psicologia, Universidade do Minho

PARECER

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Perceção de violência no trabalho: um estudo com professores(as) portugueses(as) em regime de ensino presencial e online*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto nos termos apresentados no Formulário de Identificação e Caracterização do Projeto, que se anexa, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 11 de janeiro de 2021.

O Presidente da CEICSH

(Acílio Estanqueiro Rocha)

Anexo: Formulário de identificação e caracterização do projeto